

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 07	P.205-215	2003	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	-----------	------	----------------

## Do canto dos sabiás à trama silenciosa dos pombos na “Versão Enlatada do Exílio”

*Roberto Boaventura da Silva Sá (UFMT)*

**ABSTRACT:** This article emphasizes, with a Marxist focus, the poem “Versão enlatada do exílio” by Marta Helena Cocco. In its essence, this intertext of G. Dias’ “Canção do Exílio” criticizes, at a poetic level, the interventions of North American imperialism in our country. By establishing a parody, the poetic self changes the romantic poet’s thrushes for the USA’s pigeons, i. e., for their strategists.

**KEY WORDS:** Poetic, ideology, linguistic sign, capitalism, imperialism.

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos, sob um enfoque marxista, o poema “Versão enlatada do exílio” de Marta Helena Cocco. Na essência, esse intertexto da “Canção do exílio” de Gonçalves Dias critica, no nível poético, as intervenções do imperialismo norte-americano também sobre nosso país. Ao se estabelecer como paródia, o eu-poético permuta os antigos sabiás do poeta romântico pelos pombos dos EUA, ou seja, pelos seus estrategistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poética, ideologia, signo lingüístico, capitalismo, imperialismo.

### 1. Introdução

A partir dos primeiros contatos com a produção poética de Marta Helena Cocco<sup>40</sup>, já se pode perceber um grau qualificador desta autora, pois, via de regra, é imprevisível na construção versífica, e por isso criativa em temas recorrentes ao

---

<sup>40</sup> Marta Helena Cocco, natural de Júlio de Castilho-RS, reside atualmente em Cuiabá-MT. Tem publicado até o momento três livros de poemas: *Divisas* (1991), *Partido* (1997) e *Meios* (2001).

fazer poético, como o amor, a crítica à desumanização do ser contemporâneo numa sociedade fragmentada, ao sistema político vigente, além dos textos voltados para a metapoesia.

Para este exercício, dentre as várias possibilidades temáticas, escolhemos um poema que problematiza questões sociais em função dos ditames financeiros do sistema capitalista mundial, com destaque às imposições de sua principal potência, os EUA. O título do texto destacado é “Versão Enlatada do Exílio”, que se encontra à p. 42, da parte intitulada “Denúncia”, de *Meios*<sup>41</sup>.

Pelo motivo óbvio de ter servido como base da intertextualidade<sup>42</sup> para o eu-poético de Marta, o primeiro desses textos é evidentemente “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, escrito em Coimbra, em julho de 1843, inserido nos *Primeiros Cantos*, publicado em 1846, e vendido a partir de 1847 na casa de Eduardo e Henrique Laemmert.

Portanto, junto com Casimiro de Abreu (“Canção do exílio - meu lar”), Sousândrade (“Harpa XLV”), Carlos Drummond de Andrade (“Europa, França e Bahia” e “Nova canção do exílio”), Oswald de Andrade (“Canto de regresso à pátria”), Cassiano Ricardo (“Ainda irei a Portugal”), Murilo Mendes (“Canção do exílio”), Gilberto Gil e Torquato Neto (“Marginália II”), Mário Quintana (“Uma canção”), Chico Buarque (“Sabiá”), Eduardo Alves Costa (“Outra canção do exílio”), além da “Canção do exílio facilitada” de José Paulo Paes, na qual as interjeições “ah” e “bah” dão profunda carga semântica, e de outros tantos textos que voaram e ainda hão de voar pelo mesmo céu do primeiro sabiá, inserimos, pois, nesta série de intertextos, a “Versão Enlatada do Exílio” de Marta Helena Cocco:

---

<sup>41</sup> A despeito de alguns equívocos de composição gráfica entre o índice e o corpo do texto, *Meios*, livro vencedor do *Prêmio Mato Grosso ação cultural/2000*, encontra-se estruturado em cinco partes: I - Inquérito; II - Evidência; III - Denúncia; IV - Depoimento; V - Contemplação.

<sup>42</sup> Visto aqui na perspectiva do diálogo entre os mais diferentes textos do acúmulo cultural. Daí que para Kristeva (1974: 64), “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

*Versão Enlatada do Exílio*

*Em lá  
sang sung  
som do Sam  
soa bem  
bang bang.*

*E cá  
sangue sangue  
sanguessugas  
se dão bem.*

## **2. Do ideológico às opções linguísticas**

Todo escritor ao se apropriar de um hipotexto, ou seja, o texto A, ou original, conforme terminologia da semiótica de Genette (1979), o faz sob a necessidade de uma decisão prévia: de que ponto de vista intertextualizar? Para além das especificidades tipológicas existentes, essencialmente, o enfoque dar-se-á entre uma paráfrase ou uma paródia.

Se a opção for pela primeira, as marcas das conformações textual e contextual serão óbvias. Desta forma, conforme reflexões de Sant'Anna (1995), sobre a necessidade de opção ideológica por parte dos artistas e intelectuais que vivenciaram o movimento modernista brasileiro, a inserção estará para as *poéticas do centramento*. Se for pela segunda, as inconformações textual e contextual serão registros naturais. Assim, a inscrição far-se-á na perspectiva das *poéticas do descentramento*, do mesmo autor mencionado.

No caso de Marta, não fica difícil saber por qual dos caminhos opta. As trilhas da paródia são por onde seu eu-poético percorre para estabelecer uma profunda crítica, que, coincidentemente, vem a público no início das discussões políticas

sobre as imposições da ALCA<sup>43</sup> aos países das Américas Central e do Sul.

No percurso contestatório por meio de sua poesia, a escritora passa naturalmente a usar a palavra, matéria-prima da literatura e um produto social, na mesma perspectiva apontada por Bakhtin (1997), ou seja, o signo lingüístico é necessariamente “o fenômeno ideológico por excelência” (p, 35).

Em termos poéticos, Marta consegue catalisar, num texto em que a contenção de palavras é uma das características, toda sua indignação no que se refere à apropriação de nós todos como um povo, bem como de nossas riquezas, para futuras expropriações em prol da voracidade do grande capital estrangeiro.

Enquanto os discursos políticos demandam elaborados raciocínios retóricos e inflamadas oratórias para tratar do avanço do imperialismo norte-americano sobre os povos do planeta dito globalizado, o eu-lírico de Marta, sem *jamás perder la ternura*, na “Versão enlatada do exílio”, sintetiza o complexo tema em não mais que nove versos, dispostos em duas estrofes - uma quintilha e uma quadra -, cujos maiores versos findam na terceira sílaba métrica. Ao conseguir a façanha, a escritora oferece um belo exemplo do que, juntas, a polissemia e a sensibilidade são capazes num texto literário.

A paródia ora em análise está estruturada centralmente sob dois dêiticos espaciais antitéticos: “lá”, precedido apenas da preposição “em”, que dá início à primeira estrofe e se refere ao

---

<sup>43</sup> Cf. *Para entender a ALCA* (Área de Livre Comércio das Américas). Basicamente, este projeto expansionista beneficia acima de tudo a economia norte-americana. Foi lançada pelos líderes de 34 países das Américas do Norte, Central e Sul e do Caribe durante a 1ª Cúpula das Américas em Miami, EUA, em dezembro de 1994. Durante aquele encontro, o então presidente Bill Clinton comprometeu-se com a realização do sonho do presidente anterior, Georg Bush, de criar um acordo de livre comércio que se estendesse desde o Alasca (norte do Canadá) até a Terra do Fogo (sul da Argentina). Seria um acordo que unisse a economia do Hemisfério, aumentasse a integração social e política entre os países e se baseasse no mesmo modelo do livre comércio que é o NAFTA, um acordo que já reúne o México, Canadá e EUA. Análises sérias deste acordo apontam para a desigualdade que favorece os dois últimos países em detrimento do primeiro, um país considerado de terceiro mundo.

Estados Unidos da América, e “cá”, antecedido pela conjunção “e”, que inicia a segunda estrofe e pode estar referenciando o Brasil mais diretamente.

Essa perspectiva do espaço assumida pelo eu-lírico de Marta é inversa à de Gonçalves Dias na sua “Canção do Exílio”. Residindo em Portugal para completar estudos, portanto, colocando-se na condição de exilado, o eu-lírico gonçalvino, aderente às imposições ideológicas de seu tempo, apropria-se do dêitico “lá” para exaltar sua pátria natal (Brasil) em detrimento da que naquele instante o acolhia - “cá” (Portugal), resultando em versos como “Minha terra tem primores,/ Que tais não encontro eu cá”. Em suma, aos olhos do poeta romântico, tudo da colônia suplantava o que fosse oriundo da metrópole. Na exaltação, dois elementos - um da flora (palmeira) e outro da fauna (sabiá) -, são tomados como sinédoques perfeitas.

A inversão exercida no poema de Marta Cocco, em relação a do poeta de nosso período romântico, tem naturalmente significado de fundo. Em vez de exaltar as belezas do lugar onde nasceu, o eu-lírico da “Versão enlatada”, mais livre das amarras ideológicas de seu contexto social, bem como dos cânones literários, fala poeticamente do resultado das práticas da expansão do império contemporâneo no *locus* em que nascera. E tudo é expresso numa estética absolutamente hodierna, na qual a densidade de conteúdo deve ser exposta com o mínimo do signo verbal. Mesmo assim, Marta não se fragmenta, risco em que muitos incorrem.

A comprovação de que o centro do raciocínio poético de Marta é este fica explicitado no texto, principalmente no terceiro verso da primeira estrofe - “som do Sam”. Como sabemos, a figura do *Uncle Sam*, aquele “...velho de cabelos e cavanhaque grisalhos, vestindo as cores da bandeira americana, de olhar sério e dedo apontado para um seu virtual interlocutor<sup>44</sup>, foi estrategicamente criada durante a Primeira Guerra Mundial para recrutar soldados norte-americanos. Hoje, incorpora metaforicamente o próprio

---

<sup>44</sup> Cf. Rogério Nery, em “Uma leitura de ‘Versão enlatada do exílio’”, análise produzida para uma avaliação escrita do poema durante o transcorrer da disciplina Literatura Brasileira I, do Curso de Letras da UFMT no período 2002/1.

governo federal dos EUA e seus interesses de dominação mundo a fora, apontando seu dedo para os demais países, como se lhes impusessem suas vontades<sup>45</sup>.

Mas se a figura do Tio Sam foi criada na segunda década do século passado, foi somente após o término da Segunda Guerra Mundial, um verdadeiro divisor de águas na relação entre os EUA e os outros países, que aquela criação tornou-se bem mais popular. Apenas a partir daquele momento de sua história, o país conseguira reunir condições concretas para empreender o avanço pelas mais diferentes nações do planeta, consolidando um sistema e opondo-se, por meio de uma “Guerra Fria”, ao outro, mais especificamente o socialismo.

Hoje, para que o sucesso do objetivo central dessa política de expansão tenha continuidade, as ações norte-americanas têm sido as mais distintas possíveis no sentido de retirar inimigos e instalar, em diferentes países do mundo, governos que favoreçam os investimentos privados dos capitais interno e externo, a produção para a exportação e o direito de remessa de lucros para fora desses países. Enfim, a abrangência de suas intervenções vai desde estratégias assépticas, incluindo o subjetivo jogo da dominação e imposição culturais, até o uso explícito e destruidor da força militar.

No poema de Marta, a sugestão de ambas as formas estão contempladas. A palavra “enlatada”, do título, metonimiza todo o processo das imposições culturais. Como não se dispunha das tecnologias atuais, para que Hollywood ampliasse a exportação do *american life way*, logo o após-guerra, a saída fora enlatar suas produções cinematográficas para que chegassem intactas aos seus destinos.

Dessas produções, dois destaques: os musicais e os filmes de *farwest*, vulgarmente conhecidos como “bang-bang”, termos contidos no último verso da primeira estrofe da “Versão enlatada” que, ali, onomatopeizam os ensurdecidores sons provocados pelas explosões de todos os tipos de armas. Além da onomatopéia, a aliteração da bilabial /b/ - “...**b**em, **bang**, **bang**” - acentua o referido barulho na camada fônica do texto, não nos

---

<sup>45</sup> Id.

esquecendo de realçar a predominância dos fones nasalizados, que, por serem de timbres fechados, podem estar sugerindo toda dor e melancolia provocadas pelos efeitos destruidores de uma guerra; afinal, da ficção à realidade dos conflitos armados, tudo tem sido mera questão de oportunismo para a exposição do aparato bélico.

De qualquer forma, dentre as produções cinematográficas fica difícil eleger um *farwest* ou um seriado qualquer que fosse tão mais emblemático que outros, tal a fórmula idêntica para os tantos existentes; ou seja, da dicotomia religiosa “bem *versus* mal”, o mocinho, evidentemente branco, representando os “homens de bem”, lutava de forma exasperada contra os “homens do mal”.

Na outra vertente das produções do cinema norte-americano, a cena na qual “...Genny Kelly cantava feliz, sem se importar com o temporal que o rodeava, no antológico filme “Cantando na Chuva”<sup>46</sup>, talvez seja uma das mais representativa. Sendo assim, o verso inicial do poema de Marta - “Em lá” - ganha carga polissêmica, pois do plano de localização geográfica passa a sugerir também a tonalidade do canto por meio de uma das notas musicais - “lá”. Logo, o “som do Sam” naturalmente “soa bem”. O segundo verso do texto - “sang, sung” - apenas completa este sentido, pois os dois termos são as formas conjugadas no pretérito do verbo “*to sing*” (cantar).

É preciso considerar ainda que o soar bem desse canto pode estar relacionado às ações humanitárias, que supostamente levam conforto e paz aos locais onde a ficção cedeu lugar à realidade das guerras. E estas têm ocorrido sempre quando há algum tipo de resistência por parte de povos e nações em entregar a soberania de seus países.

Desta forma, o ritmo imposto pelo canto dos de “lá” é o canto de um projeto já antigo. No entanto, conforme já mencionamos, foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o ritmo das ações do império norte-americano foram intensificadas no sentido de remodelar o mundo.

---

<sup>46</sup> Ibid.

Para a empreitada, os EUA aperfeiçoaram a atuação de seus estrategistas. Um desses grupos, pertencente ao CSN 68 (Conselho de Segurança Nacional), era denominado “os pombos”. Conforme Chomsky (1999: 12), seu principal representante, George Kennan, que dirigiu a equipe de planejamento do Departamento de Estado até 1950, foi responsável pela rede de Gehlen<sup>47</sup>, o maior articulador entre os EUA e os nazistas.

Para Chomsky, “Kennan era um dos mais inteligentes e lúcidos estrategistas dos EUA e uma das mais importantes personalidades na configuração do mundo pós-guerra. Seus escritos são uma ilustração extremamente interessante da posição dos ‘pombos’ (p. 12).

### **3. Do canto do sabiá ao gorjeio dos pombos**

Longe, feliz e utópico vai o dia em que os sabiás cantavam nas palmeiras, ainda que com as devidas licenças poéticas, pois esses pássaros não costumam pousar, muito menos cantar neste tipo de árvore. Aliás, justiça seja feita, Casimiro de Abreu, na sua “Canção do exílio - meu lar”, de 1857, com elegância poética, foi o primeiro a apontar o detalhe ao dizer que queria “...ouvir na laranjeira, à tarde,/ Cantar o sabiá”.

Não tão distante, mas nada feliz e muito menos utópico vai também o dia em que os sabiás foram trocados pelos “...gaturanos de Veneza”<sup>48</sup>. Muito perto, infeliz e absolutamente real, chegara o dia da atuação dissonante dos “pombos” norte-americanos sobre nosso país. O golpe militar de 64 é marco exemplar.

Mas para compreendermos melhor a atuação desses estrategistas do império contemporâneo, novamente recorreremos às informações oferecidas por Chomsky (*Op. cit.*). Para este lingüista e ativista norte-americano, se alguém quiser realmente

---

<sup>47</sup> Reinhard Gehlen foi dirigente da inteligência militar nazista na Frente Leste da guerra. “Essa rede era parte da aliança EUA-nazistas, que absorveu rapidamente muito dos piores criminosos de guerra e estendeu suas operações para a América Latina e para outras partes do mundo” (CHOMSKY, 1999, p. 11).

<sup>48</sup> Cf. o intertexto “Canção do Exílio” do modernista Murilo Mendes.

conhecer os EUA, a leitura do *Estudo de Planejamento Político 23*, escrito por Kennam, em 1948, para a equipe de planejamento do Departamento de Estado, é documento indispensável e, mais do que nunca, atual. Por isso, transcrevemos, aqui, o mesmo excerto que pode ser encontrado no livro já citado de Chomsky:

*Nós temos cerca de 50% da riqueza mundial, mas somente 6,3% de sua população... Nesta situação, não podemos deixar de ser alvo de inveja e ressentimento. Nossa verdadeira tarefa, na próxima fase, é planejar um padrão de relações que nos permitirá manter esta posição de desigualdade... Para agir assim, teremos de dispensar todo sentimentalismo e devaneio; nossa atenção deve concentrar-se, em toda parte, em nossos objetivos nacionais imediatos... Precisamos parar de falar de vagos e... irreais objetivos, tais como direitos humanos, elevação do padrão de vida e democratização. Não está longe o dia em que teremos de lidar com conceitos de poder direto. Então, quanto menos impedidos formos por slogans idealistas, melhor. (Chomsky, 1999, p. 12-3).*

Sem se preocupar com eufemismos, o documento é de uma clareza ímpar. De fato, seu teor continua a ter a mesma validade de quando fora escrito, afinal, aquilo fazia parte de um projeto de futuro. Em assim sendo, a partir do momento em que confessam, em nome de um nacionalismo, a necessidade de desprezar “os direitos humanos, a elevação do padrão de vida e democratização”, o resultado das ações norte-americanas em vários países foi e continua a ser o mais catastrófico possível.

Hoje, se sob o falso pretexto de caçarem terroristas no Afeganistão e livrarem o povo iraquiano de Saddam Hussein, provocam por aquelas regiões do planeta um verdadeiro derramamento de sangue, por cá também conseguem fazer muitas vítimas do sistema. A diferença, por ora, reside na estratégia, dando à essência uma roupagem bem mais suave que a devida.

Portanto, sendo mais assépticos, até para contribuírem na perpetuação da caricata democracia em nosso país, os EUA tentam influenciar em cada decisão política de nossos

congressistas em prol dos interesses das transnacionais. A recente assinatura de um Decreto-lei liberando o plantio de transgênicos em nosso país é igualmente fato incontestado dessa pressão internacional a bem do fortalecimento dos pilares do capital por essas terras. São partes dos “sanguessugas” da “Versão Enlatada”.

O resultado disso, Marta, poética e de forma condensada, o apresenta na segunda estrofe, mais especificamente por meio do segundo verso - “sangue, sangue” -, uma paronomásia simétrica e antitética com o primeiro termo do segundo verso da primeira estrofe - “sang, sung” (grifo nosso).

#### **4. Considerações finais**

Conforme relatórios de organismos internacionais, o Brasil aparece invariavelmente mal avaliado em termos de qualidade de vida: moradias deploráveis, estendendo as condições sub-humanas do regime de escravidão aos dias atuais para grande parte da população, cada vez mais empobrecida por conta da concentração de rendas; menores abandonados e explorados sexualmente por toda parte de nosso território; saúde e educação com índices deploráveis, contrariando a lógica da democratização do ensino para todos; violência acirrada no campo e nas cidades...

Outros itens poderiam ser enumerados. Todavia, esses bastam para exemplificar o sangue derramado também por grande parte de nosso povo, do qual os mais elementares direitos humanos vão a cada dia sendo ainda mais retirados, fragilizando todo o processo democrático que vem sendo tentado desde a saída dos militares do poder já há quase vinte anos.

Os dois últimos versos dessa segunda estrofe - “sanguessugas/ se dão bem” - que poderiam lembrar as chaves de ouro, caso este texto fosse um soneto, tal a sua capacidade de síntese, apontam os parasitas que se locupletam com todo o tipo de violência cometida. E sem escrúpulos, estes, sem **dó**, continuam, “em **lá**”, a impor a força e o ritmo de seu canto, impossibilitando o surgimento de um **sol** diferente, menos desigual e mais justo para todos.

## 5. Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem - problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud et al. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

CHOMSKY, Noam. *O que o Tio Sam realmente quer*. Tradução de Sistílio Testa e Mariuchka Santarrita. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

COCCO, Marta Helena. *Meios*. Cuiabá: Ed. da Autora, 2001.

GENETTE, Gerard. *Introduction à l'architexte*. Paris: Seuil, 1979.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. "Modernismo: as poéticas do centramento e do descentramento". In: AVILLA, Affonso (org). *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 55-68.